

© *Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.*

© *All rights reserved.*

A CIDADE DO CHÁ E DA CRUZ

Sakai é hoje uma cidade de meio milhão de habitantes, de largas avenidas arborizadas e alguns jardins abertos no meio de quarteirões de grandes prédios de cimento ocupados por escritórios e oficinas. Fica tão junta a Osaca que seria impossível distinguir-se os limites entre as duas cidades se não fosse o rio Yamato a dividi-las.

É uma cidade industrial moderna, muito activa: produz e exporta, sobretudo, ferro, bicicletas e produtos químicos. Quando se vem da vizinha Osaca, a segunda maior cidade do Japão, com quatro milhões de habitantes, fica-se com a impressão de que Sakai é uma cidade pequena. Pertence à região industrial do Kansai, que engloba Osaca, Quioto e Kobe e que é a mais importante do Japão a seguir à região de Tóquio.

Mas não foi assim há quatro séculos: Sakai era uma grande e próspera cidade e Osaca apenas um descampado; no lugar de Kobe existiam apenas pequenas aldeias de pescadores. A sorte de Sakai começou a declinar quando Hideyoshi construiu o castelo de Osaca e à volta deste lançou uma cidade enriquecida pelos palácios que os grandes senhores foram obrigados a edificar. A proibição de os Japoneses saírem do país, primeiro decretada em 1635, e as medidas tomadas contra os mercados chineses ali residentes acentuaram a decadência de Sakai, enquanto Osaca aumentava cada dia a sua importância comercial.

Quando os Portugueses chegaram, Sakai era o «principal porto» e o maior centro comercial de todo o Japão. Ali iam ancorar os barcos que faziam o comércio do Japão com a Coreia e a China meridional. A lenda atribuía a sua fundação à deusa dos marinheiros, Watazumi; a pesca e o sal constituíam o grosso do seu comércio. O porto de Sakai era muito frequentado pelos barcos portugueses. Ali aportou S. Francisco Xavier em Janeiro de 1551. Segundo ele, haveria então na cidade mil mercadores. Dez

anos mais tarde, o padre Gaspar Vilela ali vai fundar uma comunidade cristã, instalando-se em casa do rico mercador Hibiya Riokei, que depois se converteu e baptizou com o nome de Diogo, e a quem o padre Valignano, que também por ele foi aposentado, chama «coluna da cristandade de Sakai».

O padre Francisco Pasio, escrevendo ao provincial napolitano, diz-lhe que Sakai é a «Veneza destas partes». O padre João Rodrigues descreve-a assim: «A cidade de Sakai, tão nomeada por seu trato, e onde desembarcou o padre B. Francisco quando foi ao Camy, foi antigamente governada a modo de república – por estar isto do Japão em contínuas guerras civis, uns com os outros – pelos cidadãos; agora é do senhor da Tenca, que ali tem governado.» O Kami era o xogum e a Tenca o país do Japão. Mais adiante, na sua *História da Igreja do Japão*, num dos capítulos acerca da arte do chá, *cha-no-yu*, que são do mais perspicaz e profundo que se tem escrito sobre esta refinada arte nipónica, o agudo jesuíta fala de novo da cidade de Sakai em termos encomiosos: «Teve princípio este modo de Chanoyu, que se diz Suky, na célebre e opulenta cidade de Sakay, a qual é mor empório e de mais grosso trato de todo o Japão, governada nos tempos atrás até Nobunaga e Taicô a modo de república sem reconhecer senhorio alheio por muitos anos, por ser mui forte, e como corte do Japão, onde há cidadãos mui ricos e abastados e gente mui nobre, que de várias partes ali se recolhiam por causa dos vários sucessos de guerra; na qual cidade os que tinham posses se davam ao Chanoyu em grande modo, e pelo trato que tinha com todo o Japão e ainda fora do reino havia naquela cidade as melhores peças de Chanoyu afora as de Figaximadono. E, pelo contínuo exercício de Chanoyu entre si que ali havia, saíram ali as pessoas mais eminentes que houve nesta arte.»

Sakai, continua Rodrigues, fica «situada em uma campina na praia do mar, seca, sem frescura nenhuma, ou antes em um areal cercada da costa brava do mar pela parte do poente, e à roda dela não há frescura de fontes e arvoredos, nem lugares solitários e saudosos acomodados ao Suky, como há na cidade de Miyaco. E por quanto os moradores que habitam dentro das caves, a cerca da cidade, são muitos os sítios das casas antes que agora ultimamente se reedificassem depois da guerra universal, eram tão estreitos pela maior parte que não podiam os moradores dentro ter jardins, nem quintas frescas de arvoredo em que se recreassem, e fizessem as casas para convidar ao Chá».

Por aqui se vê o pormenor do conhecimento que o autor revela da cidade, da maneira de vida e de ser dos seus moradores e até das observações sociológicas que

perspicazmente expende acerca da influência do condicionalismo geográfico da cidade na arte do chá.

A arte do chá está intimamente ligada à propaganda do cristianismo. Os missionários tinham nas suas casas uma sala especial destinada ao rito do chá, para, por esse meio, desenvolverem relações sociais com autoridades e notáveis japoneses e para, na atmosfera serena da casa do chá, *chaseki*, propagarem os ensinamentos da doutrina cristã.

Não surpreende, pois, que outros missionários se refiram à particular significação de Sakai na arte do chá. Valignano menciona alguns objectos da arte do chá, de valores astronómicos, feitos por grandes artífices, e pertencentes a ricos-homens de Sakai.

Os missionários desembarcaram em Sakai e logo começaram a exercer ali a sua acção, que depois desenvolveram fundando uma igreja. O padre Gregorio Céspedes, numa carta datada de 30 de Outubro de 1585, informa que «levantou este ano o padre Organtino uma casa e habitação de quatro sobrados, coisa bem acabada e formosa, e em cima do telhado dela está levantada uma cruz grande, dourada e lacada, que dá alegria e resplendor a toda aquela cidade».

Esta cruz que «se vê do mar longe», diz o eloquente Luís Fróis, «é a primeira bandeira de Cristo que naquela populosa cidade se tem contra o Demónio arvorada entre quatro mosteiros de bonzos que a cercam».

Mais tarde os Jesuítas compraram outro lugar mais «largo e acomodado» para construírem nova casa.

A residência dos Jesuítas em Sakai manteve-se até ao decreto de expulsão de 14 de Fevereiro de 1614, onze dias após o qual foram obrigados a emigrar para outras partes do Japão, especialmente Nagasáqui.

A história da obra de cristianização de Sakai, com as brilhantes esperanças do começo, dos missionários que ali trabalhavam ou por ali passavam a caminho de Quioto, os êxitos da propaganda da fé e das relações sociais daqueles com os notáveis de Sakai e, finalmente, os sofrimentos e martírios da perseguição estão documentados nas cartas e livros dos missionários de então. A Sakai depressa chegaram as primeiras espingardas que entraram por Tanegashima e depressa ali se estabeleceram as primeiras fábricas de armas.

Teve papel de primacial importância a cidade de Sakai nas relações com os Portugueses no Século Cristão.

É, pois, natural que fosse em Sakai, cujo porto frequentemente nessa época acolheu os Portugueses, que em 1970 se erguesse um monumento comemorativo do «Encontro entre o Oriente e o Ocidente», da autoria do escultor português Jorge Vieira. O monumento, que estivera antes junto do Pavilhão de Portugal na Exposição Mundial de Osaca de 1970, foi oferecido pelo Governo Português ao Município de Sakai. Está implantado no principal jardim da cidade querida de S. Francisco Xavier.

Reunidas assim as três memórias no mesmo lugar, o Jardim de Sakai será, na verdade, um ponto de exaltação do entendimento entre o Oriente e o Ocidente.

Seria imperdoável que um português passasse pela cidade de Sakai e não prestasse culto ao chá. Em Sakai, pois, tomei parte na cerimónia do *cha-no-yu*, cerimónia difícil e quase religiosa em que, como os portugueses de antanho, com grande veneração me iniciei. Wenceslau de Moraes, divagando ao seu modo simples e aliciante sobre o *culto do chá*, transmite com felicidade a sua poesia, mas não chega a descrever a cerimónia. João Rodrigues, que vai ao fundo de tudo, faz uma descrição sociológica pormenorizada e bastante seca, deixando de fora os seus lados poético e místico. Vamos, pois, tentar verter, pela primeira vez em português – já que outros, que bem melhor podiam, o não fizeram –, a beleza estética deste rito. A cerimónia do chá, que veio da China, e que, além de prenda indispensável de toda a mulher japonesa, foi adorno e requinte dos grandes políticos e guerreiros samurais, continua a fazer parte da educação obrigatória da rapariga casadoira.

A cerimónia do chá é o sumo primor de cortesia e convívio social de todo um povo altamente educado, cujos hábitos diários são impregnados do prazer estético, do culto da beleza. Como acontece frequentemente nas sociedades requintadas, as expressões estéticas tomam uma projecção religiosa: a beleza envolve-se de hierático mistério. Assim, em certas épocas da história da China e do Japão, a caligrafia teve honras de religião.

Pode agora compreender-se como a cerimónia do chá se tornou num rito em que, por meio de gestos sublimados, por movimentos hieráticos, se atinge a serenidade, o sumo prazer espiritual do convívio, a comunhão estética e mística dum grupo, a serenidade e a graça em que o eterno se reflecte.

A nossa cerimónia do chá na cidade de Sakai teve lugar no edifício duma das maiores firmas industriais do Japão. Subimos ao décimo quinto andar, ao escritório do director, moderníssimo e prático: na vasta secretária uma dúzia de botões comandando misteriosos aparelhos electrónicos para comunicar com colaboradores ocultos, pequenos rectângulos de televisão ligados aos vários andares do edifício, muitos telefones de várias cores e feitios; quadros de pintura abstracta nas paredes; poltronas moles e profundas; ar condicionado rescendendo incenso; estatísticas, mapas e organigramas. Depois descemos ao jardim japonês, nas traseiras do edifício: todo simplicidade, paz e verduras umbrosas, velhos penedos artisticamente dispostos, relvas e musgos húmidos, um verde intenso que nem uma flor salpicava. O renque de árvores e a sebe espessa circundante, como em todos os jardins japoneses, que costumam ser de reduzida área, davam a ilusão de que o jardim se prolongava em fundos vastos de verduras amenas. Admirámos as árvores uma por uma, louvámos a beleza de cada pedra, pisámos com respeito as velhas lajes do carreiro. No canto mais suave adivinhava-se, escondida entre ramos, a pequena casa do chá, *chaseki*, no extremo da vereda de largas pedras rústicas, incrustadas na relva num acaso minuciosamente calculado, polidas durante séculos pela corrente de algum bucólico ribeiro – e que no Japão custam fortunas. Ao lado do carreiro lavámos as mãos e purificámos a boca num gotejo de água que corria duma cana verde de bambu sobre a concavidade aberta numa rocha coberta de musgos aveludados.

No fundo do carreiro abria-se a pequena porta da casinha do chá, tão baixa que não podíamos entrar sem nos inclinarmos. O nosso hóspede ajoelhou diante da panela de água, *kama*, que um punhado de brasas fazia ferver. Sentámo-nos em frente dele, admirando a caligrafia e a sageza do poema escrito no *kakemono* que do lado oposto pendia: «Sobre a cerejeira que começa a florescer / Um velho rouxinol / Trila o seu último canto.» No *tokonoma*, altar doméstico, um vaso rústico com uma flor de cardo. Então o dono da casa entregou-se ao rito da cerimónia, absorvido, grave, espiritual, como um sacerdote que celebra divinos mistérios, enquanto os hóspedes esperavam, respeitosos e modestos. Lavou o vaso, uma chávena rústica elaborada pela arte dum famoso artista; lançou o pó verde do chá com uma colherzinha de bambu, *chashaku*, e a seguir dissolveu o pó na água energicamente, servindo-se duma espécie de pincel de bambu, *chasen*. Entretanto, uma jovem de quimono azul-celeste pintado de flores de nenúfar viera depor diante de cada um de nós um pratinho com um doce azul-dourado, da forma duma flor de lírio. O mestre de chá, concentrado na celebração ritual,

aprontara a primeira chávena, que, sempre de joelhos, colocou diante da sua coadjutora com uma vénia. Esta, ajoelhando e inclinando-se numa vénia profunda, tomou a chávena em ambas as mãos e, sem se levantar, arrastando-se docemente sobre os joelhos e inclinando-se de novo, pôs a chávena com o chá verde na minha frente, depois de dar à chávena uma volta e meia para a esquerda, de modo a ficar em frente dos meus olhos o centro do desenho decorativo. Com vénia igual, agradei, movi a chávena uma volta e meia para a direita, para não tocar o desenho com os lábios, e bebi demoradamente, com o ar meditativo de quem experimenta uma volúpia calma. Depois limpei os bordos da chávena com uma folha de papel de arroz dobrada, como na missa o sacerdote faz ao cálice, admirei atentamente a chávena por todos os lados, proferi algumas frases louvando a sua beleza simples, pu-la em frente de mim para que em seguida a minha companheira, com uma vénia, pudesse pegar nela, admirar, elogiar por sua vez. O oficiante havia preparado nova chávena de chá, que do mesmo modo a coadjutora tomou nas duas mãos e foi levar à minha companheira, avançando agora direita e graciosa, com cinco passos hieráticos, os pés deslizando, de *tabis* brancos, sobre o chão de *tatami*, tal como os actores do teatro *nô*.

Repetiu-se o rito de volver a chávena, beber o espesso chá verde lentamente e sem interrupção, limpar a chávena, admirá-la, depô-la no chão, inclinar-se perante a graciosa coadjutora, que veio buscá-la com a mesma vénia e os mesmos passos hieráticos.

Esta cerimónia quase religiosa, que decorreu num ambiente discreto e sereno, de falas apenas murmuradas, gestos medidos, atenciosas reverências, deixou na alma de cada um de nós um sentimento de profunda paz. O mundo exterior de actividades apressadas, da ruidosa e frenética confusão das turbas e dos espessos rios de automóveis que avançam nas ruas, parece ficar muito longe desta pequena ilha de tranquilidade, onde se celebram por um rito milenário os doces prazeres do convívio, as delícias da harmonia do espírito.

A comunhão no espiritual enlevo, a finura, austeridade e pacificante harmonia dos hieráticos gestos já te sugeriu certamente, leitor amigo, a semelhança com os gestos do sacerdote católico na celebração da missa. Na verdade, o maior de todos os mestres de chá, Sen Rikyu, que fixou as regras, consagradas depois pela prática de quatro séculos, foi amigo dos missionários em Quioto e tomou vários elementos da liturgia católica para enriquecer a cerimónia do chá. Esta surpreendente influência na mais nipónica de todas as artes pode dar ideia do prestígio que os Portugueses conquistaram no País do Sol Nascente.

(Figuras de Silêncio, A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje, pp. 113-121)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.